

in NICO, B. (2004). "Analfabetismo no Alentejo: fatalidade ou desafio?". in *Atas do Congresso Alentejo XXI*. Montemor-o-Novo: Secretariado do Congresso Alentejo XXI.

1.º Painel

Professor Doutor José Carlos Bravo Nico ⁽¹⁴⁾

Resumo:

O analfabetismo continua a ser uma das dimensões mais tristes e persistentes da realidade alentejana. De acordo com a informação disponibilizada pelo último recenseamento da população, realizado em 2001, a taxa de analfabetismo no Alentejo é muito elevada. Entre 1991 e 2001, o abaixamento que se verificou na taxa de analfabetismo terá resultado mais da mortalidade verificada entre os analfabetos do que, certamente, da aprendizagem da leitura e da escrita.

Apesar de, cada vez mais, se assumirem políticas activas de educação e formação ao longo da vida, a realidade é que continuam a existir muitos alentejanos que não conseguem ler ou escrever.

O que fazer? Será o analfabetismo uma fatalidade intrínseca do Alentejo ou poderá ainda transformar-se num desafio estratégico do Alentejo? Um desafio que envolva todos, sem excepções: do Estado ao indivíduo; das autarquias às escolas; das instituições de ensino superior, às associações recreativas.

Comunicação:

"Analfabetismo no Alentejo: Fatalidade ou Desafio?"

Num dos domingos do mês de Dezembro do ano passado, passei uma tarde inteira numa pequena freguesia do concelho de Évora que se chama Nossa Senhora de Machede, concelho de Évora. Em Nossa Senhora de Machede realizei algumas entrevistas a alguns habitantes locais acerca do papel e da importância da aprendizagem ao longo das respectivas vidas. Uma variável comum unia as três pessoas com quem falei naquela tarde de domingo de Dezembro. Eram todas elas iletradas, ou, por outras palavras, mais comuns, analfabetas.

No entanto, nessa tarde, mesmo antes de eu ter iniciado os diálogos, uma frase ia ficando registada no gravador magnético. Uma frase à qual eu já me vinha habituando e à qual não dava a importância que ela, eventualmente, merecia. A frase era esta: "peço-lhe desculpa mas eu sou analfabeto". Era normal, as pessoas com quem eu falei, as pessoas que eu entrevistei e que eram analfabetas, sentirem-se responsáveis e culpadas por essa situação em que se encontravam. Pior do que isso, todas elas manifestaram a convicção de que essa condição é perpétua: nasceram assim e assim hão-de morrer. Foi como se tivessem sido alvo de uma condenação para a vida inteira. Nas actividades de educação de adultos que vou desenvolvendo no Alentejo, com alguns jovens estudantes e alguns recém-licenciados da Universidade de Évora, a principal dificuldade que encontro reside essencialmente na

⁽¹⁴⁾ Pró-Reitor da Universidade de Évora, Professor Auxiliar do Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

desconstrução desta representação que alguns indivíduos possuem acerca de si próprios e que assenta numa imutabilidade da sua situação. As suas vidas em princípio não são alteráveis, no que diz respeito ao seu analfabetismo. Esta atitude, que é reveladora de um poderoso mecanismo de bloqueio do processo de desenvolvimento vital e, simultaneamente, uma causa e consequência de uma auto-imagem penalizadora, parece ter vindo a ser reforçada pela chegada de muitos cidadãos naturais de outras paragens europeias, os quais para além de possuírem uma formação académica elevada, relativamente à média existente no nosso contexto social, facilmente aprendem a dominar a língua portuguesa e outras funcionalidades profissionais. Esta facilidade de aprendizagem, revelada pelos recém-chegados, ainda acentua mais a dificuldade de aprendizagem e a ausência de oportunidades daqueles que aqui viveram uma vida inteira.

Em Portugal, particularmente no Alentejo, de onde nós todos somos, e onde se investem somas consideráveis em infra-estruturas de cimento e de betão armado, existe ainda hoje uma certa realidade que nos envergonha e que consiste na permanência de um alto índice de analfabetismo.

A taxa de analfabetismo diminuiu entre 1991 e 2001, momentos em que ocorreram os últimos dois recenseamentos, cerca de 2%. Certamente, esta diminuição deveu-se mais ao desaparecimento físico de 2% dos analfabetos. Por outras palavras, é a morte que vai resolvendo a questão do analfabetismo em Portugal e no Alentejo, quando deveria ser a aprendizagem.

No Alentejo, e certamente noutras regiões do nosso país, existem muitas pessoas a falar sobre o analfabetismo, muitos investigadores a estudar o analfabetismo, muitos neuro-cirurgiões a estudarem o cérebro do analfabeto, mas pouca gente a criar condições para que as pessoas aprendam a ler e a escrever.

Urge reflectir e agir sobre esta realidade porque ela é real, passe-se a redundância e é profundamente penalizadora. É uma vergonha para o Alentejo que se chegue ao ano de 2004 com uma taxa de analfabetismo que é de 17,1% da população residente.

A distribuição da taxa de analfabetismo ao longo das diferentes sub-regiões do Alentejo mostra-nos altíssimas taxas: 17,2% no Alto Alentejo, 14,8% no Alentejo Central, 18,2% no Baixo Alentejo e 19,2% no Alentejo Litoral. Estas percentagens têm por trás 83985 pessoas completamente analfabetas na nossa região. É um número dramático, porque são 83 985 concidadãos nossos que ainda não tiveram a oportunidade de adquirir esse instrumento básico de cidadania, que é saber ler e escrever.

Ressaltemos alguns detalhes desta realidade:

No Alto Alentejo, o concelho de Monforte possui uma taxa de analfabetismo de 27%, sendo o mais marcado por esta realidade; o concelho de Portalegre, assume-se como o concelho mais alfabetizado, com uma taxa de analfabetismo de 12,7% e depois as outras médias a situarem-se entre estes dois extremos.

No Alentejo Central, o exemplo menos negativo é o concelho de Évora, com 9,6% de analfabetismo; o concelho com uma taxa mais elevada é o de Sousel, com uma taxa de 22,2% de pessoas analfabetas.

No Baixo Alentejo o exemplo menos negativo é o concelho de Beja, com uma taxa de 12,9%, enquanto o concelho com uma taxa mais elevada é o concelho de Ourique com 26,2% de analfabetos (mais de ¼ das pessoas da população)

No Alentejo Litoral realce-se o caso de Odemira com uma taxa de analfabetismo de 25,7%.

Mostremos uma outra perspectiva desta realidade, caracterizada pelos dados disponíveis pelo Instituto Nacional de Estatística (recenseamento de 2001). Não atingiram qualquer nível de ensino formal, 262396 alentejanos, número extraordinariamente elevado. Um outro dado impressionante revela-nos que 60% da população do Alentejo não tem o 9º ano de escolaridade (actual nível de escolaridade obrigatória).

Reflictamos um pouco sobre isto: foram centenas, milhares de milhões de euros que foram investidos no Alentejo; construíram-se infra-estruturas básicas, estradas, redes de telecomunicações; começaram a construir as grandes infra-estruturas, como é o Alqueva, como é o porto de Sines, como irá ser, no futuro, o aeroporto de Beja e como irão ser eventualmente outras grandes infra-estruturas que neste momento estão em construção. Depois de muitos milhares de milhões de euros de investimento no Alentejo, pouco se alterou na educação e formação das pessoas, particularmente a dos adultos. No Alentejo falta construir a infra-estrutura do saber; a infra-estrutura humana: a cultura e o acesso a esse grande instrumento de cidadania que é saber ler e saber escrever. Uma obra que poderíamos apelidar de Alqueva Humano.

Desses milhares de milhões de euros quantos terão sido gastos em promoção de cursos de alfabetização de adultos, em oportunidades para que as pessoas no activo, para que as pessoas idosas e alguns jovens pudessem ter acesso à escolaridade básica? Possuímos, é certo, alguns bons exemplos de Ensino Recorrente e de Educação Extra-Escolar, que serão mais resultado das dinâmicas concelhias do que propriamente de uma política forte e decisiva por parte do Estado e por parte dos agentes locais que tomam decisões.

A questão que se coloca é a seguinte: Será que vamos ter que esperar mais 20 ou 30 anos para que as taxas de analfabetismo se aproximem das médias europeias? Será que a taxa de analfabetismo continuará a descer à custa do desaparecimento físico das pessoas? Será que as autarquias não poderiam, eventualmente, gastar alguns dos seus recursos na promoção desta qualificação humana dos seus munícipes? Não poderiam existir programas concelhios fortes e apoiados pelas autarquias que pudessem descer drasticamente esta taxa de analfabetismo em períodos de tempo pré-estabelecidos de 4 ou 5 anos? As Juntas de Freguesia não poderiam individualmente ou associadas através das suas associações contratar professores, jovens qualificados, que neste momento estão no desemprego e que estão desejosos de criar ambientes de aprendizagem? Não se poderiam juntar estas duas realidades do nosso Alentejo que são os adultos e idosos analfabetos e os jovens professores desempregados?

As associações de desenvolvimento local, que têm gerido recursos extraordinários, não poderiam engrossar esta política? Quantas oportunidades criaram estas instituições, para que de facto os adultos pudessem aprender a ler e a escrever? Nas I.P.S.S.'s e nas ADL's, quantas pessoas aprenderam, de facto, a ler e a escrever?

Do que estamos à espera para mudar a realidade?

Termino, transcrevendo um poema de Carlos Tê, musicado pelo Rui Veloso e que se chama "A gente não lê"

Ai senhor das furnas
Que escuro vai dentro de nós
Rezar o Terço ao fim da tarde
Só para espantar a solidão
Rogar a Deus que nos guarde
e confiar-lhe o destino na mão
Que adianta saber as marés
Os frutos e as sementeiras
Tratar por tu os ofícios, entender o suão e os animais
Falar o dialecto da terra, conhecer-lhe o corpo pelos sinais
E de resto entender mal, soletrar, assinar em cruz
Não ver os vultos furtivos que nos tramam por trás da luz
Ai senhor das furnas que escuro vai dentro de nós
A gente morre logo ao nascer, com olhos rasos de lezíria
De boca em boca passar o saber com os provérbios que ficam na gíria.
De que nos vale esta pureza sem ler fica-se pederneira
agita-se a solidão cá no fundo
fica-se sentado à soleira a ouvir os ruídos do mundo
e a entendê-los à nossa maneira
Carregar a superstição de ser pequeno, ser ninguém
E não quebrar a tradição que dos nossos avós já vem.